

O Românico em Lousada: A igreja do Salvador de Aveleda*

A ampla difusão do Românico, não obstante o cumprimento geral das doutrinas estéticas emanadas do seu principal centro irradiador – a abadia de Cluny –, suscitou o aparecimento de inúmeras “escolas”, ou regionalismos.

Sofreu influências e adaptou-se a novas realidades, fossem elas motivadas pela geografia, pela disponibilidade dos materiais, pela capacidade dos artífices ou pelas características da encomenda.

As influências artísticas e técnicas eram, normalmente, retiradas dos principais templos da região, aqueles em que o poder dos encomendadores permitia a reunião dos melhores mestres. Assim, para a Bacia do Rio Sousa, o mosteiro de Paço de Sousa constituiu-se como o

principal centro influenciador das igrejas paroquiais das redondezas. A igreja do Salvador de Aveleda evidencia claramente a adopção dos protótipos dessa prestigiada igreja abacial.

As construções românicas de pequena dimensão exigiam, ainda assim, elevados recursos que dificilmente seria suportados, na totalidade, pelas comunidades que serviam. A encomenda do templo era feita por um grande senhor, normalmente com muita influência no local, como eram a nobreza fundiária e os mosteiros.

Os meios financeiros provinham essencialmente das rendas das propriedades – aforamentos que os caseiros pagavam em dinheiro e em géneros – das doações de carácter testamentário pela salvação das almas e dos peditórios.

A escassez e até mesmo o esgotamento dos recursos era muitas vezes verificado, podendo uma obra ficar parada durante um longo período, sendo mais tarde retomada a construção, mas já sob um novo programa estético e iconográfico.

Uma característica da arquitectura religiosa medieval por vezes associada a estas interrupções e hesitações era o facto de a construção se iniciar sempre pela cabeceira da igreja. Concluída a capela-mor e delimitado o perímetro do edifício poderia proceder-se à sagração da igreja, iniciando-se o culto.

A um estaleiro medieval, dependendo da grandiosidade da obra, concorria sempre um grande número e diversidade de artífices. O mestre pedreiro era o responsável pela traça do edifício, pelos elementos decorativos a aplicar e pela organização e direcção da construção. Era, normalmente, bem pago e possuía o mais alto estatuto na hierarquia dos artífices ligados à obra.

Dentro da classe dos canteiros havia os que estavam responsáveis pela decoração, re-



Fig. 1 - Igreja do Salvador de Aveleda, 1ª metade do século XIII.



Fig. 2 - Portal axial

crutados entre os mais hábeis. Estes encarregavam-se dos capitéis, colunas, frisos e por todo o programa decorativo das igrejas. A inspiração procuravam-na fundamentalmente nos templos mais importantes da região, nos quais, possivelmente, até teriam já trabalhado, pois estes ofícios tinham um claro carácter itinerante.

Os silhares eram executados por canteiros menos especializados que constituíam a maior parte da mão-de-obra presente num estaleiro. Se em certas ocasiões estes homens eram pagos à jorna, noutras obras o pagamento era feito à peça. Para a contabilidade das peças executadas por cada um era feita uma marca ou sigla que identificava o canteiro. Estas siglas continham normalmente uma letra ou um instrumento de trabalho característico da actividade de pedreiro. Nas igrejas de Aveleda e Meinedo não se detectam quaisquer vestígios de silhares siglados. Tratando-se de pequenas construções seria mais fácil controlar a produção de um número reduzido de canteiros, que dificilmente ultrapassaria os cinco ou seis.

Igreja do Salvador de Aveleda

Trata-se de um monumento de arquitectura românica datável da primeira metade do século XIII. Evidencia algumas características que patenteiam a sua fase tardia, tais como as amplas e altas sapatas sobre as quais estão apoiadas as três colunas do seu portal principal.

Nos capitéis podemos observar motivos escultóricos de grande simplicidade que nos eviden-

ciam que os seus canteiros terão sido formados na escola românica da Bacia do Sousa, tal a semelhança com os protótipos do mosteiro de Paço de Sousa.

Tanto no alçado norte como no sul, a meio da parede, é possível ver-se uma fiada de cachorros que terão servido para sustentação de vigas do telhado de uma espécie de abrigo ou alpen-



Fig. 3 - Capitéis do portal axial



Fig. 4 - Bases das colunas do portal

dre. Este tipo de construção estaria destinado a ritos de preparação para a entrada no local sagrado, podendo, também, ser utilizado como espaço cemiterial já que prolongava o espaço sagrado da igreja. O lado Norte, mais sombrio, seria habitualmente destinado aos enterramentos, apesar de actualmente o cemitério estar localizado precisamente a sul da Igreja.

Quer esta igreja, quer a de Meinedo apresentam apenas uma nave e capela-mor rectangular, solução mais frequentemente usada nas igrejas das pequenas paróquias rurais, por ser menos dispendiosa e ser a solução técnica mais simples de implementar. A cobertura é feita com tecto de madeira de duas águas.

Apesar de muito alteradas, principalmente no século XVIII, a sua estrutura evidencia que esta foi sempre a solução de cobertura utilizada. Só uma pequena parte dos templos românicos portugueses, habitualmente os grandes mosteiros e as sés, eram cobertos por abóbada de pedra, implicando custos bastante mais elevados.

É curioso o relato que José Bonfim Barreiros nos deixou nas páginas da revista *Águia*. Em 1921, quando passava por Lousada, deslocou-se à igreja de Aveleda e teve conhecimento, pelo abade, que o templo iria, brevemente, sofrer algumas reparações. O telhado iria ser renovado com telha de Marselha e as paredes seriam caiadas. O viandante sugeriu então ao abade *que melhor ia aos pergaminhos da velha igreja o pardacento telhado à antiga moda portuguesa e alguns musgos e líquenes manchando as suas paredes*. Parece ter sido convincente o apelo de Bonfim Barreiros, pelo menos durante uns anos.

De destacar, em ambas as igrejas, a solução do arco quebrado que, embora muito comum no românico, prenuncia já o alvorecer do gótico. A pouca profusão de elementos decorativos na igreja de Aveleda é também indicativa desta fase de transição, em que a programação estética do românico resiste ainda à aplicação de novas soluções e paradigmas de construção.

O portal axial, voltado a poente, é quase despro-

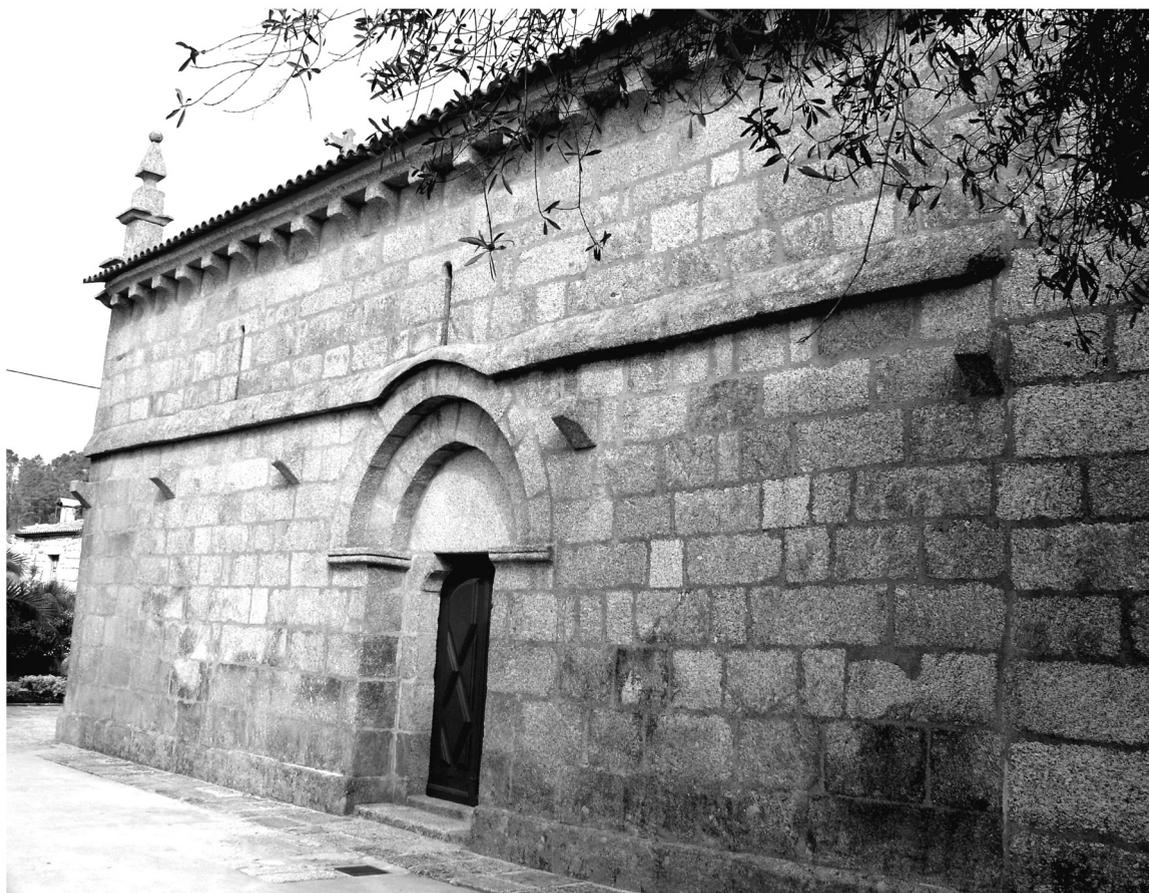


Fig. 5 - Alçado e portal sul da igreja de Aveleda

vido de ornamentação, contando apenas com alguns motivos vegetalistas nas bases das colunas e nos capitéis, sendo a pinha o elemento mais usado. As empenas, sobre os capitéis são decoradas com um friso de palmetas.

No interior podemos observar um bom tecto de caixotões na capela-mor, encomendado em Outubro de 1723 e que já estava pronto pouco mais de um ano depois, faltando apenas colocá-lo no local. Os altares laterais também merecem a atenção: são em talha “rocaille” da segunda metade do século XVIII. Durante uma recente intervenção de restauro e conservação do interior foi revelada uma excepcional pintura sobre o arco cruzeiro que, há décadas, não era admirada na sua plenitude. Trata-se de uma obra já do século XVIII executada por um artista maior que dominava, com bastante segurança, a técnica da perspectiva.

A igreja de Aveleda foi alvo de uma intervenção em toda a sua envolvente, na estrutura e no seu interior. Este é um dos monumentos que fará parte da Rota do Românico do Vale do Sousa daí que se procedessem a importantes obras de conservação e restauro. É Imóvel de Interesse Público desde 12 de Janeiro de 1978.

*** Cristiano Cardoso**

Técnico Superior de Ciências Históricas da C. M. de Lousada



Fig. 6 - Tecto de caixotões da capela-mor, 1723.



Fig. 7 - Painel pintado sobre o arco cruzeiro, séc. XVIII.

Bibliografia Consultada

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - “O Românico”, História de Arte em Portugal, v. III. Lisboa: Publicações Alfa, 1988.

BARREIROS, J. Bonfim - *A igreja de Aveleda (Lousada)*. In A Águia, 3ª série, vol. II. Porto, 1923. pág. 126-129.

BRANDÃO, Domingos de Pinho - *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura*. (Diocese do Porto

- Subsídios para o seu estudo). Porto: Diocese do Porto, 1988. Vol. II. pág. 642 e 643.

Patrimonium. Inventário da Terra de Sousa. Porto: Edições Etnos, Lda., 1995

RODRIGUES, Jorge - *A arquitectura românica*. In PEREIRA, Paulo (dir.) - *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995. Vol. I. pág. 183-263.